

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

JÉSSICA FERREIRA RODRIGUES

**HIP HOP MULHER: As Mulheres, seu espaço e
representações no Movimento Hip Hop.**

Guarulhos

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

JÉSSICA FERREIRA RODRIGUES

**HIP HOP MULHER: As Mulheres, seu espaço e
representações no Movimento Hip Hop.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de São
Paulo como requisito parcial para obtenção do
grau em Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: José Carlos Gomes da
Silva

Guarulhos

2011

Rodrigues, Jéssica

HIP HOP MULHER: As Mulheres, seu espaço e representações no Movimento Hip Hop – Guarulhos, 2011.

48f

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Ciências Sociais) –Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2011.

Orientador: José Carlos Gomes da Silva

HIP HOP WOMEN: Women, your space and representations in the Hip Hop Movement

1 Antropologia 2 Juventude 3 Práticas Culturais

JÉSSICA FERREIRA RODRIGUES

HIP HOP MULHER: As Mulheres, seu espaço e representações no Movimento Hip Hop.

Guarulhos, 06 de junho de 2011

Prof. Dr. José Carlos Gomes da Silva

Universidade Federal de São Paulo

Prof^a. Dr^a. Andreia Claudia Miguel Marques Barbosa

Universidade Federal de São Paulo

*Ao meu pai, Dalmo
Rodrigues (in memoriam) e
minha mãe, Maria da
Glória, pela dedicação, apoio e
valores transmitidos.*

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, aos meus familiares mais próximos: a memória de meu pai que, apesar da pouca convivência, me transmitiu a maior das minhas paixões e alegrias: o Sport Clube Corinthians Paulista, ao meu irmão Leonardo pelo companheirismo, as boas conversas, à Larissa pela amizade, diversão, irmandade, ao Lucas pelos sorrisos e felicidade, vida nova que iluminou o nosso lar, e principalmente à Maria da Glória pelo exemplo de força, dedicação e perseverança.

Aos amigos que sempre estiveram me apoiando: Guilherme, Renata Tesser, Renata Rabelo, Ana Cláudia por estarem comigo há anos antes mesmo dessa graduação ser iniciada, o companheirismo de vocês é e foi muito importante para mim.

Aos laços de amizade que a UNIFESP me ajudou a construir: Gustavo, pela grande amizade que desenvolvemos nestes quatro anos, as discussões sociológicas e antropológicas no caminho de ida e volta para universidade, obrigada pela paciência. À Aline e Elton pela amizade, carona e boas risadas garantidas por vocês, à Priscila Fausto pelo carinho, atenção e conversas divertidas e os emails trocados durante o dia.

Aos companheiros de comando de bar: Lucas, Clarissa, Sarah, Thaís, Luiz, Fabi, Paulo e Ana pelas risadas, teorias, técnicas safadas, músicas de boa qualidade, caronas até São Miguel, pela SeCS, reuniões do comando de greve, assembléias e todas as conversas que compartilhamos na mesa do bar regadas a muita cerveja.

Gostaria de externar também minha gratidão aos funcionários da UNIFESP, principalmente ou essencialmente à Maria (ex secretária do curso de Ciências Sociais) que é para mim um exemplo de dedicação, atenção e docilidade. Maria é a mãe dos alunos da primeira turma e é assim que eu a considero.

Não posso deixar de citar também todos os docentes, colaboradores ativos na minha formação. Aqui nomeio alguns que foram essencialmente importantes: Andréa, pela introdução à Antropologia Urbana, Lindomar pela dedicação e atenção com a qual atende e se dedica aos alunos, professor Henrique Parra por ter me dado suporte na pesquisa anterior e por ter me ajudado a entender os meandros da Cultura Digital, a professora Alessandra pelas ótimas aulas e dicas de como desenvolver um projeto de pesquisa.

Mas gostaria de dedicar um espaço especial nestes agradecimentos ao professor José Carlos Gomes da Silva pela importância de sua colaboração e dedicação para que este trabalho obtivesse este resultado. Agradeço pelas referências, contatos, iniciação no mundo do Hip Hop e no universo dos aspectos antropológicos da Juventude.

As meninas do hip hop que me ajudaram a realizar essa pesquisa: Jéssica Balbino, Jéssica Valeriano, Tiely Queen, Vanessa Lopes e tantas outras que me concederam entrevista e colaboraram com este trabalho.

E para finalizar, agradeço aos funcionários concursados da Secretaria de Cultura da Prefeitura de Suzano, em especial a Débora e Carlos pela amizade, fofoca, descontração e apoio nos momentos difíceis. Às funcionárias da Biblioteca, companheiras de trabalho, à Larissa pelos momentos compartilhados no balcão de empréstimo.

RESUMO

O presente trabalho procura analisar quem são as mulheres do movimento Hip Hop. Para tanto, analisei uma associação: o Hip Hop Mulher, onde elas se reúnem, conversam, discutem ações para gerar uma identidade e obter o reconhecimento de seu trabalho dentro do movimento. Sabemos que o hip hop é muito ligado à juventude que reside nas regiões mais pobres dos grandes centros urbanos e com as mulheres tal característica não seria diferente. Portanto, a pesquisa funciona como um mecanismo para entender quais as dificuldades que a figura feminina tem para produzir sua arte e como elas trabalham a fim de obter um maior espaço e uma voz ativa dentro do movimento e no contexto social em que vivem.

Palavras chave: juventude, mulher, periferia, hip hop, Identidade, Representação.

ABSTRACT

This research tries to analyze who are the women of Hip Hop. For this, I analyzed the association of the Hip Hop Women, where they meet, talk, discuss actions to create an identity and get the acknowledgment of their work inside the groups. We know that hip hop is very close to young who living in the poorest parts of the urban areas and with the women wouldn't be different. This research works like a mechanism to understand what difficulties the female figure has to afford to produce their art and how they work to have a larger space and a voice in the movement and in the social context that they live.

Keywords: young, women, suburb, hip hop, identity, representation.

SUMARIO

INTRODUÇÃO _____ 1

CAPÍTULO I: OS MOVIMENTOS SOCIAIS E A QUESTÃO DA JUVENTUDE NAS PERIFERIAS DO BRASIL _____ 3

1.1 Os Movimentos Sociais e o Contexto Urbano _____ 3

1.2 Os Movimentos Sociais no Brasil _____ 4

CAPÍTULO II: MOVIMENTO HIP HOP E A PRESENÇA FEMININA _____ 8

2.1 O que é Hip Hop? _____ 8

2.2 As mulheres de periferia na sociedade contemporânea 13

2.3 As Mulheres no Hip Hop _____ 15

2.4 Elas na história do Hip Hop Brasileiro _____ 18

CAPÍTULO III: Tenso é muito tenso, hip hop é movimento é Movimento: HIP HOP MULHER _____ 24

3.1 Hip Hop Mulher: aproximações com o feminismo _____ 30

3.2 Uma análise dos discursos: CD Realidades _____ 32

CONSIDERAÇÕES FINAIS _____ 36

INTRODUÇÃO.

O interesse pelo Hip hop como instrumento de investigação para esta pesquisa começou com apresentação do professor José Carlos Gomes da Silva na II Semana de Ciências Sociais (II SeCS) organizada na Universidade Federal de São Paulo no ano de 2009. Na ocasião, foram convidadas pessoas ligadas ao movimento para que compusessem a mesa com o pesquisador. Dentre elas estavam presentes um adolescente que tinha um grande conhecimento do movimento e que logo se destacou no ambiente, e na platéia lotada, uma série de jovens, alunos do Ensino Médio de uma escola estadual do bairro do Pimentas(região periférica da cidade de Guarulhos).

Ao explicar a diferença do funk, estilo proveniente das periferias cariocas, para o Rap o jovem usou um referencial dizendo que o funk era um estilo vulgar para mulheres vulgares ao contrário do rap que era um estilo diferente voltado para a conscientização e não para “mulheres ficarem rebolando”. Ao encerrar sua fala o adolescente citou um trecho de uma música dos Racionais MC's – A Fórmula Mágica da Paz:

Nada de roupa, nada de carro, sem emprego, não tem IBOPE, não tem rolê sem dinheiro. Sendo assim, sem chance, sem mulher, você sabe muito bem o que ela quer. Encontre uma de caráter se você puder. É embaçado ou não é? (Trecho da música “Fórmula Mágica da Paz”- Racionais MC's)

Logo após os versos serem cantados, o garoto foi ovacionado pela platéia que assistia à palestra, inclusive, por adolescentes do sexo feminino que compunham o grupo de alunos presentes. Neste momento, comecei a me questionar onde estariam as mulheres dentro deste movimento cultural/ social tão forte e presente nas periferias?

Sabemos que a presença feminina vem tomando lugar de destaque na sociedade brasileira, segundo o IBGE, em pesquisa realizada no ano de 2009, a proporção de homens jovens que faleciam era quatro vezes maior se comparadas

às mulheres. A quantidade de mulheres que mantém financeiramente suas famílias na periferia é um fenômeno cada vez mais crescente e comum. Assim, elas estão mais presentes no mercado de trabalho, como chefes de família, tomando posições e decisões que eram tidas como atividades masculinas.

Esse protagonismo na sociedade não é somente representado pelas relações de trabalho, consumo, configurações das famílias, mas também através de expressões artísticas e culturais. Por isso julgo importante a análise de como as mulheres constroem seus discursos e buscam espaço no movimento hip hop.

Ao iniciar a pesquisa fiz uma busca de referências bibliográficas que falassem das mulheres na periferia e no movimento hip hop e foi em uma destas buscas que encontrei o Hip Hop Mulher. Após este primeiro contato pelo site fiz uma etnografia da associação para a disciplina eletiva, Práticas Culturais da Juventude na Metrópole, ministrada pelos docentes Andréa Barbosa e José Carlos Gomes. A partir desse momento defini o recorte que daria a esta monografia.

Para falar de hip hop não podemos deixar de citar a importância que o movimento tem para a juventude nas periferias, por isso julguei importante citar no primeiro capítulo a relevância dos movimentos sociais e como o hip hop se situa dentro deles, gerando não somente diversão e arte, como também formas de identificação, expressão e conscientização dos jovens que vivem nas regiões mais pobres, porém concentrando a análise na questão feminina.

Este é o arcabouço desta monografia. No primeiro capítulo busco estabelecer as relações existentes entre os movimentos sociais e o movimento hip hop, no segundo tento compreender historicamente como ele se configurou e como as mulheres se inseriram nele, qual o local que elas ocuparam, não somente através da presença física, como também pelos discursos empreendidos pelos homens nas músicas. Por fim, focalizei o estudo no Hip Hop Mulher associação que visa a expansão da presença feminina no movimento através de ações como debates, fóruns, uma rede social criada na Internet e a geração de eventos para que elas possam demonstrar as suas produções artísticas.

CAPÍTULO I: OS MOVIMENTOS SOCIAIS E A QUESTÃO DA JUVENTUDE NAS PERIFERIAS DO BRASIL.

1.1 Os Movimentos Sociais e o contexto urbano.

Os movimentos sociais sempre foram fenômenos ligados à urbanização. Isso porque eles estão relacionados às novas necessidades que o novo cenário da vida urbana exigiu. Assim, os grupos se reúnem em torno de uma reivindicação e daquilo que eles julgam ser uma melhoria na qualidade de vida de suas comunidades ou em torno daquilo que acreditam ser um direito. Segundo Durham (2004, p. 292) é importante perceber que tais movimento estão sempre ligados à essa idéia de direito, ou seja, as pessoas se reúnem para denunciar uma carência e exigir que suas necessidades sejam reconhecidas como um direito.

Nos movimentos sociais, de modo geral, a passagem do reconhecimento da carência para a formulação da reivindicação é medida pela afirmação de um direito. Os habitantes da periferia afirmam seu direito a água, luz, esgoto, assistência médica; as mulheres reiteram seu direito à igualdade; os homossexuais ao seu prazer; também as mães que trabalham têm direito às creches, assim como os índios às suas terras e todos têm direito à proteção à violência.(DURHAM, 2004 p. 292)

É importante destacar que, no Brasil, tais movimentos não têm suas origens diretamente ligadas a sindicatos ou partidos políticos, sendo assim, se configuram como fenômenos relativamente autônomos a essas organizações. Eles possuem uma relação muito forte com as regiões em que surgem, principalmente, nas áreas periféricas, mais carentes de infra-estrutura. A formação dos bairros periféricos, conforme registram os pesquisadores, efetivou-se sem a presença de órgãos oficiais do Estado que garantisse-lhes recursos sociais tidos como básicos como: educação, saneamento básico, segurança pública e etc.

Mesmo com as periferias sendo um terreno fértil para a existência de tais movimentos este fator não impede de haver grupos de classe média que se engajem em movimentos sociais como as feministas ou os militantes que reivindicam os direitos civis dos homossexuais, por exemplo. Isso porque a associação e identificação com um determinado movimento social independem da classe e está mais vinculada a identificação em relação àquilo que se reivindica.

Tais movimentos podem também dialogar ou estar associados com movimentos culturais ou elementos culturais. Um desses exemplos é o hip hop, estilo artístico e musical que utiliza sua arte como forma de expressão, denúncia e reivindicação dos direitos de habitantes das regiões periféricas, chamando a atenção para o preconceito racial e econômico existente nos grandes centros. A questão social sempre foi o principal tema das letras de rap, dos grafites nas ruas. Por isso, é importante sempre ter a dimensão do movimento hip hop não somente como expressão musical, gráfica ou de dança e sim como um todo que engloba lutas, causas, e bandeiras sociais das quais rappers, Dj's, Breakers e grafiteiros fazem questão de não abandonar e alavancar.

O hip hop em si, destaca-se de outros movimentos não somente por mesclar elementos culturais com questões sociais, fator que também está presente em outras correntes artísticas, mas por ser uma expressão da juventude o que nos dá outra dimensão para pensar quais são as vozes desses jovens e como elas se configuram e organizam quando o assunto é preconceito racial, econômico ou a luta por direitos dos mais pobres, assim como, nos permite avaliar como eles constroem e constituem seus elementos identitários e de representação gerados através do movimento.

1.2 Os Movimentos Sociais no Brasil

Os movimentos sociais no Brasil ganharam força na década de 70 e ganharam justamente no momento em que partidos políticos e sindicatos eram combatidos pelo regime militar, entretanto, para Durham (2004, p.284) a existência deles não exclui a presença daqueles na configuração do cenário político do país. Para a autora é importante lembrar que mesmo em países onde não houve regimes autoritários como os Estados Unidos, há registros da existência de Movimentos Sociais. Aqui já podemos destacar como um desses movimentos o hip hop que teve sua origem nas regiões mais pobres de Nova York, grande centro urbano estadunidense.

O foco dos estudos antropológicos sobre tais movimentos desenvolvidos nas metrópoles brasileira no período da década de 70 foi dirigido para temáticas do mudo dos adultos, sendo assim não encontrei muitas fontes de estudos que fornecesse um panorama sobre como as juventudes da época se organizavam para buscar reivindicações ou direitos que versassem sobre seu universo. Os estudos eram mais voltados para outras questões como a luta por moradia ou a organização de determinadas categorias de trabalhadores.

Outro fator importante para destacar nas origens dos movimentos sociais é a presença das igrejas, dando suporte e assistência aos grupos, principalmente, aqueles que se configuravam como sendo de periferia, localizados nas regiões mais pobres. Assim, surgiu o movimento “Clube das Mães da Periferia Sul” que buscava a reunião de mulheres em torno de atividades de conscientização com palestras sobre higiene, saúde ou oficinas de costura. Tal clube é importante, pois é um registro pioneiro da organização de mulheres dentro de uma região urbana e periférica.

Para o “Clube das Mães da Periferia Sul” o papel da igreja era importante, pois servia como um mecanismo de estímulo às suas atividades e também uma proteção contra reações negativas de seus maridos que não aceitariam uma atividade social fora do lar ou até mesmo uma proteção contra a repressão do Estado.

Em boa medida foram os agentes pastorais que propuseram novos padrões para clubes de mães (fundados no objetivo de desenvolver a participação ativa de seus membros, de valorizar a noção de pessoa, de

estimular a solidariedade grupal), que forneceram as referências culturais para isso (a leitura do Evangelho como parâmetro para julgar as injustiças da realidade cotidiana e do grupo), que lhes ajudaram a passar das relações informais para a formalização de objetivos e meios necessários ao seu desenvolvimento que lhes abriram um espaço social onde a mobilização social podia se dar relativamente protegida contra a repressão política, evitando as prevenções contra políticos e as resistências dos maridos.(SADER, 1988 p.204)

É importante destacar que os Movimentos Sociais emergiram dentro de um cenário de heterogeneidade das classes sociais brasileiras, principalmente, as populares, sendo assim, apontá-los como elementos constitutivos apenas pela classe trabalhadora ou pelo operariado é uma forma de generalização que não condiz com o cenário social da época. Eles possuem um caráter móvel, visto que, a percepção e as necessidades das pessoas nesta heterogeneidade podem convergir e divergir de acordo com suas causas ou com a percepção de direitos a serem conquistados que o indivíduo toma para si.

Sendo assim, não foram em todas as expressões de movimentos sociais que a igreja católica esteve presente. Como os movimentos são heterogêneos e variáveis a presença religiosa também era determinada de acordo com o contexto e a sua relação com a sociedade em que se inseria. O próprio interesse dos padres em estimular ou não essa ou aquela movimentação dos moradores era importante para determinar este interesse. Com o passar dos tempos essa presença da igreja católica e de outras religiões no estímulo a movimentos sociais foi diminuindo.

Neste registro do Clube das Mães da Periferia Sul vemos como os homens que viviam nestas regiões possuíam uma forte influência sobre a atitude de suas companheiras a ponto de elas precisarem de algum respaldo da instituição religiosa para poderem se reunir e fugir da rotina doméstica em um ambiente de socialização feminino.

Dentro dessa questão Durham(2004, p.290) afirma que os movimentos sociais agem de maneira a fornecer aos indivíduos aspectos de uma vida pública, isso porque quando eles se inserem em tais movimentos é como se passassem da condição de indivíduos para possuidores de uma vida social na esfera pública de convivência. Assim, podemos ver a dificuldade que as mulheres possuíam para

conseguir transpor a vida íntima, particular e doméstica para essa esfera pública de socialização.

Atualmente a participação das mulheres no mercado de trabalho e o fato de, por vezes, elas terem se tornado a principal provedora dos lares tem mudado essa relação entre público e privado. Entretanto, não podemos dizer que há uma total autonomia, igual a que existe entre os homens, principalmente, quando pensamos que sua participação na vida social em um território composto majoritariamente pela figura masculina é dominada e configurada por eles como acontece no hip hop.

Essa questão é levantada e exposta na cartilha “Hip Hop Mulher: Conquistando Espaços” em que Janaína Oliveira¹ descreve como ela dimensiona essa relação entre o público/ privado para a figura feminina:

A invisibilidade da mulher em nossa sociedade foi por muito tempo algo aceitavelmente comum, e na cultura Hip Hop não poderia ser diferente. Não porque alguém em algum momento da história do Hip Hop tenha declarado abertamente que esta não era uma cultura para mulheres, mas porque a barreira é psicológica e invisivelmente velada e extremamente eficaz para o desconforto e, logo para a pouca visibilidade de mulheres nesta cultura. (Fragmento extraído da cartilha Hip Hop Mulher Conquistando Espaços, 2009 p.7)

Neste aspecto, as jovens que se inserem no hip hop quebram com essa premissa, pois além de saírem do espaço doméstico (característica que vem crescendo também entre as outras mulheres através da inserção em todas as áreas do mercado de trabalho), elas aparecem dentro do um movimento social/ cultural, demonstrando através da arte os problemas e as questões com as quais se deparam no cotidiano.

¹ Janaína Oliveira utiliza o nome artístico de Ré Fem abreviação de Revolta Feminina.

CAPÍTULO II: MOVIMENTO HIP HOP E A PRESENÇA FEMININA

2.1 O que é o Hip Hop?

O Movimento Hip Hop surgiu nos EUA na década de 60 nas regiões ocupadas por negros americanos e latinos (Bronx, Harlem e Brooklin). Essas localidades eram caracterizadas pela pobreza, a falta de infra-estrutura, o desemprego e conseqüentemente o aumento da incidência de crimes na região.

O hip hop deu voz às tensões e às contradições do cenário público urbano durante um período substancial de Nova York e tentou apossar-se do sinuoso terreno urbano a fim de torná-lo funcional para os desabrigados (ROSE, 1997 p. 193)

Foi neste cenário que começaram a surgir grupos de jovens que se reuniam nas ruas e organizavam festas, com músicas, danças. O hip hop surgiu como uma reação diante daquele cenário social degradante. Movimento em que os jovens poderiam dar voz aos seus discursos e protestos buscando melhorias para a região em que habitavam, um movimento urbano, vindo da juventude e que misturava quatro elementos de expressão artística: o Rap, Break, DJ e grafite. A presença de brigas, drogas e gangues nos bailes, fez com que os jovens vissem na rua um espaço para diversão. Foi assim que o movimento transformou-se em um fenômeno cultural de rua, muito preocupado com sua localidade, o território, tipicamente urbano.

O rap surge naturalmente na rua, porque é na rua que ganha corpo e fervor da revolta e da contestação construído sobre o lema da eterna opressão social e racial. E da rua surge irremediavelmente a essência básica da liberdade de expressão materializada na apreensão de códigos próprios do hip hop no âmbito da luta nos mais diversos campos de expressividade artística (CONTADOR & FERREIRA, 1997 p. 29)

No Brasil o movimento hip hop começou a ter destaque no fim da década de 1980 e início dos anos 90. Os principais precursores do movimento no Brasil foram Pepeu e Mike em 1987 (Silva, 1998). As primeiras reuniões de grupos ligados a tal expressão eram realizadas na galeria 24 de maio e também na Praça Roosevelt, ambos, no centro da cidade de São Paulo. Com o passar do tempo a força do movimento migrou do centro da cidade em direção aos bairros de periferia.

Um dos elementos que contribuíram para a afirmação do movimento hip hop no Brasil foi a organização dos jovens de uma mesma região que se reuniam em volta do estilo e denunciavam a situação de desigualdade em que vivam pedindo melhorias sociais para aquele lugar. Esses grupos eram chamados de Posses:

Muitos grupos de rappers foram criados, ocupando um espaço de articulação e atuação no campo social, para reivindicar o direito de ser cidadão, participar do mercado de trabalho e para lutar contra a violência e a discriminação. Esses grupos são organizados por rappers, DJ's, grafiteiros e breakers de uma mesma região e são denominados de Posses (ANDRADE 1999 apud MAGRO, 2002 p.68).

Além das Posses, Silva (1998) aponta outro elemento que colaborou para o estabelecimento do movimento hip hop em São Paulo (local onde a cena iniciou no Brasil e notadamente onde ela é mais expressiva) que foi a associação com o Geledés, uma instituição que visava a defesa das mulheres negras. Foi desta ação conjunta que surgiu a revista Podes Crê.

Em termos políticos, a experiência desenvolvida pelos rappers junto ao Geledés, instituição de defesa dos direitos da mulher negra, foi também significativa. Refletiu na consolidação da temática racial no interior do grupo e possibilitou a produção de uma revista símbolo do movimento, a "Podes Crê". (SILVA, 1998 p.13)

Apesar de ser um estilo que não possui suas origens em território brasileiro, o hip hop adquiriu características próprias em nosso meio. O rap produzido no Brasil adquiriu características próprias da localidade, seguindo uma tendência peculiar a outros países como o rapper francês MC Sollar que relata o problema enfrentados pela segunda geração de imigrantes da África Negra e pelo Magreb (NIEMEYER, 1996 apud SILVA 1998, p. 10).

Stuart Hall(2001) já apontava em seus estudos essa dinâmica em que os elementos culturais não ficavam presos ao território físico e sim são apropriados e resignificados de acordo com o ambiente social e o grupo com quem entrou em contato. Isso permite que uma mesma manifestação cultural seja global e ao mesmo tempo tenha características específicas do local onde é impressa e apropriada.

Foi assim que o movimento hip hop criou uma identificação muito grande com as periferias do Brasil, transformando se em um instrumento de denúncia das injustiças sociais ocorridas no cotidiano destes lugares. O Rap é o elemento mais forte neste papel de retratar o dia a dia, a visão e até mesmo refletir as características que compunham e compõem a identidade dos jovens habitantes destes guetos urbanos.

Aqui é importante destacar que segundo Guasco (2001) com o tempo e com a constituição identitária do movimento hip hop, a própria noção de periferia se reconfigurou e deixou ser apenas a relação de distância entre centro e bairro. Com o advento do movimento a periferia passou a ser identificada também como um lugar em que as pessoas tem dificuldades sociais, onde os mais pobres vivem e circulam independente da localização geográfica, se estão localizadas no centro ou nos bairros. Assim os rappers buscam em suas letras, ao mesmo tempo em que alargam a noção do que é periferia, criar uma identificação deles com a mesma para denunciar as mazelas que existem no local.

No país, o hip hop foi demarcado por duas fases, a primeira do meio até o final dos anos 80 foi chamada de momento inicial, onde os cantores estavam mais ligados aos bailes e ainda havia a dificuldade de trazer, traduzir e adaptar as músicas, letras e elementos vindos dos EUA. Essa foi uma fase de reconhecimento daquele estilo novo que tinha seus adeptos mais concentrados nas regiões centrais da cidade de São Paulo.

Um amigo traduz uma parte da letra ou diz que leu algo numa revista importada, é possível compreender algo a partir dos vídeo-clipes que são exibidos em alguns salões e as coisas se tornam um tanto mais claras a partir de determinados filmes onde o novo movimento é o contexto da trama. Mas há um lapso de tempo entre ouvir falar das coisas, tomar

contato direto com essas informações e procurar um conhecimento mais profundo sobre esse assunto (GUASCO, 2001 p. 64)

O segundo momento inicia a partir dos anos 90 com uma politização do movimento e uma maior identificação com os bairros de periferia, neste momento surge a primeira Posse, ligada ao Sindicato Negro (Guasco, 2001). Foi a partir deste momento que o hip hop começou a voltar o seu olhar para os discursos relacionados com as questões sociais, raciais e políticas. Este momento coincide com uma onda de Rap mais radical nos EUA, mais politizado e voltado para questões raciais o que influenciou na forma como o Rap paulistano construiu o seu discurso. Os grupos de rap Public Enemy, KRS One, NWA, integrantes da nova geração se tornaram populares entre os jovens brasileiros que participavam do movimento hip hop.

A conscientização em torno da questão racial na Roosevelt coincide com o novo momento vivido pelo rap norte-americano. A partir dos anos 90, a nova geração de rappers passou a referir-se de forma mais agressiva a explicitar a temática racial, à luta pelos direitos civis e ao nacionalismo negro. A partir deste momento, a textura musical também se adensa com a introdução da tecnologia digital via uso do sampler . O marco da nova era do rap foi o grupo Public Enemy. Com *It Takes A Nation of Millions To Hold Us Back* a produção musical se complexifica. A presença do baixo eletrônico e do bumbo da bateria torna a música mais grave. As frequências graves invadem em definitivo a expressão musical como suporte para um discurso mais agressivo. Acredita-se que o disco do Public Enemy é o principal divisor de águas entre a chamada old school fundada na simplicidade sonora e a new school marcada pelo peso da textura sonora e a politização do discurso. (SILVA, 1998 p.63)

A partir deste mesmo período integrantes do movimento hip hop iniciaram um processo de migração da Praça Roosevelt e da galeria 24 de Maio para os bairros da periferia, onde fundariam as posses e onde mudariam as temáticas de suas letras não mais descrevendo o seu cotidiano do centro da cidade e dos bailes e sim o dia a dia e as experiências vividas nas regiões periféricas(Silva 1998).

Também nos anos 90 a grande mídia e a Indústria Cultural começou a olhar para o rap produzido no país, isso porque surge no Rio de Janeiro o rapper Gabriel “O Pensador” com uma música que fez muito sucesso chamada “*LôraBúrra*”, além de Gabriel que foi contratado por gravadoras e passou a figurar em programas de televisão em São Paulo os Racionais MC’s também conseguiram uma certa visibilidade com suas músicas, apesar de, recusarem qualquer contato que pudesse

existir com a grande mídia, ganhando a fama de ser um grupo mais fechado ao assédio das televisões e rádios. Sobre Gabriel “O Pensador” é importante destacar que no cenário paulista sempre houve restrições ao rapper por ele ser branco e ter ligações com a Rede Globo, fatores que o identificava como integrante do sistema que o movimento buscava combater.

Até o início dos anos 2000 o hip hop experimentou uma boa visibilidade dentro do mercado fonográfico do Brasil, com o surgimento de muitos grupos. Entretanto, o destaque que alguns grupos alcançaram e as mudanças na linguagem que adotavam, justamente, para cumprir as exigências do grande mercado, fez com que muitos rappers questionassem qual era o papel do movimento, qual mensagem ele deveria levar, gerando uma espécie de “racha” interno. Tal distanciamento, juntamente, com a crise do mercado fonográfico (a indústria da música perdeu muito da sua capacidade de venda no período pós Internet) fez com que o movimento perdesse espaço dentro do que chamamos de “mass media”.

Entretanto, na periferia, o hip hop ainda continua ainda muito forte como meio de expressão da juventude e dos moradores. A falta de espaço dentro dos grandes meios fez com que as pessoas engajadas no movimento buscassem formas alternativas para divulgar sua arte. Foi assim, que surgiram os saraus como o da Cooperifa, e movimentos online como o Hip Hop Mulher.

É importante também destacar a importância da Internet como meio para difundir e divulgar os diversos grupos que existem na rede, pois ela aproxima as pessoas ligadas ao movimento possibilitando o contato entre as periferias do país. O recurso à internet tem contribuído para que as causas não se restrinjam somente às questões locais, como nas Posses. Os indivíduos agora se aproximem de acordo com suas preferências. Isso se dá porque a Internet diminui a distância entre as pessoas fazendo com que um contato que seria inicialmente impossibilitado por aspectos físicos, como a localidade, se aproxime de acordo com suas preferências e aptidões. Nesta pesquisa pude verificar este aspecto ao perceber que as mulheres associadas ao Hip Hop Mulher não eram provenientes só da cidade de São Paulo e sim de diversas cidades e até mesmo de outros Estados.

2.2 As mulheres de periferia na sociedade contemporânea

Quando pensamos nas questões sociais que envolvem as mulheres e o movimento hip hop é preciso que se considere também o local onde essa expressão cultural é mais forte, ou seja, os bairros e as regiões mais pobres dos grandes centros urbanos. Por esse motivo julguei ser importante traçar um perfil das condições sociais em que essas mulheres vivem, principalmente, das dificuldades enfrentadas por elas.

As mulheres são uma presença muito marcante dentro dos bairros periféricos, sua participação pode ser vista através de diversas representações sociais como a chefe de família, a mãe solteira, a dona de casa. Em termos sociológicos as mulheres da periferia reúnem características comuns às camadas populares. Elas costumam ser negras ou mestiças e possuem uma escolaridade mais baixa que as mulheres de classe média. A maioria foi obrigada a encerrar precocemente os estudos por não possuírem condições financeiras para se manter estudando. A ajuda na manutenção do lar com uma atividade remunerada é quase sempre uma exigência.

Uma pesquisa realizada pela fundação SEADE² aponta diferenças salariais entre as mulheres e os homens. Enquanto o salário delas gira em torno dos R\$ 652,00 a média de rendimento deles é de R\$ 1.051,00. Se o foco de tal pesquisa for direcionada para os homens e mulheres negras ambos tem a média diminuída: homens negros ficam o rendimento de R\$ 632,00 e as trabalhadoras negras ficam com uma média salarial menor de R\$ 412, mensais.

Outra pesquisa do DIEESE aponta que quanto maior for o grau de escolaridade das mulheres, maior é a sua inserção no mercado de trabalho,

² Pesquisa realizada entre os períodos de 2000 e 2009 disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/mulher/index.php?bole=04&tip=04>

portanto, um tempo menor dedicado à Educação ou à formação reflete na hora da obtenção de um emprego fazendo com que essas mulheres mais pobres tenham que se contentar com salários menores dos subempregos ou até mesmo partam para atividades relacionadas ao mercado informal. Em geral, elas exercem atividades em empregos que oferecem uma remuneração mais baixa não somente por sua condição social, mas também por sua condição de gênero. Segundo a mesma pesquisa, no ano de 2010, enquanto o rendimento médio real do homem era de R\$ 8.94 as mulheres possuíam um rendimento de R\$ 6,72 a R\$ 6,94.³

A baixa remuneração faz com que muitas dessas mulheres encarem duplas/triplas jornadas de trabalho para o complemento da renda familiar. Isso porque muitas delas se tornaram a única fonte de renda dos lares, característica comum nas periferias dos grandes centros urbanos. Os Filhos é outro fator importante para ser destacado neste perfil. Isso porque na periferia a quantidade de filhos que uma mulher gera é em média maior que nas classes sociais mais altas e, além disso, elas assumem o papel de mãe mais cedo (taxa de gravidez na adolescência nas regiões periféricas é alta) sendo assim, muitas vezes elas se vêm obrigadas a conciliar a adolescência e as transformações advindas com a vida adulta e a responsabilidade de ser mãe.

Todos esses fatores fazem com que a mulher esteja mais ligada às questões domésticas. É como se houvesse uma maior dedicação ao que podemos classificar como esfera privada da vida, ou seja, ao ambiente doméstico e às atividades relacionadas a ele como o cuidado com os filhos. Outro aspecto importante a se destacar é que mesmo nas suas atividades realizadas em seu espaço público essas mulheres estão buscando, muitas vezes, a manutenção daquilo que as envolve na esfera privada, ou seja, o sustento dos filhos e o provento do lar.

³ Pesquisa “Mulher e Trabalho publicada em Março de 2011 disponível em: <http://www.dieese.org.br/ped/sp/mulherrmsp2011.pdf>

Essa dupla jornada é apontada por muitas mulheres como um fator que prejudica a sua participação no movimento hip hop. É importante ter a noção que as expressões artísticas do hip hop, muitas vezes, não são vistas como um emprego formal, ou seja, não são reconhecidas como trabalho e não garantem um rendimento financeiro estável que permita o sustento de núcleos familiares. Assim, muitas mulheres acabam sentindo-se desestimuladas a manter uma produção artística diante das diversas dificuldades sociais que encontram, e esse aspecto é refletido por elas tanto nas letras quanto nas suas vidas e trajetórias dentro do movimento hip hop.

2.3 As Mulheres no Hip Hop

No fim da década de 80 surge nos EUA a pessoa que seria classificada como a “Primeira Dama” do movimento. Queen Latifah lançou o seu primeiro single *Wrath of my Madness* aos 18 anos de idade. Em seus trabalhos a rapper levanta a bandeira contra aquela que seria a principal causa das mulheres dentro do movimento: a luta contra a misoginia e a imagem feminina que eram criadas nas letras produzidas pelos homens rappers.

Latifah buscou em suas músicas descrever a importância das mulheres nas lutas que a comunidade negra travou na sociedade norte-americana. Para isso ela teve o cuidado e a estratégia de não atacar os homens e sim de afirmar a importância da presença feminina nas grandes lutas da comunidade negra exaltando a sua imagem e gerando uma identidade positiva para elas. Há inclusive, em um videoclipe, um trabalho de associação da imagem da mulher, através das líderes negras, às grandes conquistas empenhadas pelo movimento hip hop.⁴

Para Contador e Ferreira, autores do livro *Os caminhos do Rap* (1997) é importante destacar que apesar da temática sexista encontrar-se presente nos

⁴ Video Clipe da música Ladies First. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=wI9OkO-rMns>

discursos produzidos pelas mulheres é um erro acreditar que esta seja a principal linha seguida por elas em suas músicas. As mulheres buscavam questionar a ordem social vigente, a sua posição dentro do contexto social e assim os elementos que perpetuavam os homens como centro das atividades sociais e culturais. O questionamento era mais profundo e não se limitava apenas ao universo do movimento hip hop e sim ao contexto social geral. A posição de Tricia Rose (1994) é um tanto diversa, para a autora as rappers põem em questão a postura sexista localizada no discurso dos rappers e na sociedade norte-americana em sua totalidade.

Embora Silva (1998) não tenha se ocupado do tema, o autor retoma a discussão do sexismo entre os rappers. Baseando-se nas discussões de Rose (1994), identifica que as rappers norte-americanas reagiram ao machismo. Também constatou nos registros fonográficos catalogados que as rappers brasileiras como a Lady Rap e Sharylaine traduziram internamente a questão nas suas respectivas músicas.

O estilo gangsta, que surgiu nos anos 80, rotulava as mulheres como sendo “fáceis”, em busca de dinheiro e fama em um paralelo com os rappers homens que eram projetados como poderosos, ricos, mafiosos. Todos esses elementos eram frutos da fama advinda com o movimento hip hop. O estilo destaca a idéia pré concebida de que o status de “bandido” “marginal” é um atrativo ao imaginário feminino. Sendo assim, é comum a imagem de cantores ao lado de garotas com roupas curtas, cobertos de correntes de ouro, com carros conversíveis utilizando destes artifícios como uma demonstração de poder. A mulher, nesse contexto, é vista como um objeto que além de conferir poder é atraída por ele. Até os dias atuais a visão negativa sobre a mulher, projetada nesse estilo musical, é mantida e fortemente disseminada nos EUA.

Outro estilo que surgiu no fim dos anos 80 e início da década de 90 e contribuiu para que houvesse uma imagem mais sexualizada (ou sexualizada) da mulher dentro do movimento foi o Porno Rap, com grupos como *2 Live Crew* e *Poison Clan*, ele foi muito reprimido nos EUA por suas letras fortes de com cunho

sexual acentuado. Esta vertente ou subgênero chegou a ser censurada causando protestos de músicos de diversos estilos em seu apoio.

Vale lembrar, que foi justamente nos anos 80 que o movimento hip hop começou a estabelecer-se no Brasil, portanto houve no rap desenvolvido aqui uma influência da linha gangsta e do Porn Rap, principalmente, no que se refere à visão negativa das mulheres nas letras de rap. Entretanto é importante destacar que a influência gansta se encerra aqui, visto que no mesmo período há o surgimento de grupos com letras de protestos e denúncias sociais como o Public Enemy que gerou uma identificação forte com os grupos que se formavam no Brasil.

Atualmente podemos destacar alguns expoentes femininos na cultura hip hop e principalmente no Rap. Algumas expressam em seus trabalhos algo mais sensualizado e dançante como Poetiza e Flora Mattos, outras buscam uma música que dialoga com o feminismo e busca o combate a essa imagem negativa gerada pelo hip hop nos anos anteriores como Rúbia do RPW, Tiely Queen entre outras. Dentre tais nomes, destaca-se Nick Minaj que vem sendo apontada pela grande mídia como “A Nova Rainha do Hip Hop”. Este dois pólos de produção artística são duas grandes discussões que as mulheres empreendem também no Brasil.



Figura 1: Poetiza em uma apresentação roupas mais sensuais no palco⁵

2.4 Elas na história do Hip Hop Brasileiro.

Sempre se verificou a presença das mulheres dentro do hip hop nacional, desde quando estes tinham como ponto de encontro a galeria 24 de Maio e a Praça Roosevelt. Não podemos, portanto, apontar um momento de destaque que possa ser estabelecido como um marco inicial desta participação feminina. Dentre aquelas que podemos chamar de pioneiras no movimento estão a rapper Rúbia (do grupo RPW), Sharylaine, Lady Rap e a MC Regina. Rúbia atua como cabeleireira no salão Mazzola, subsolo da galeria 24 de maio e Sharylaine começou a carreira como B Girl (dançarina do estilo break.) frequentando a Praça Roosevelt.

O Break sempre se configurou como um lugar onde a presença feminina era mais aceita e mais efetiva, portanto, até hoje é mais fácil encontrar de forma quantitativa um número maior de mulheres dançando do que atuando efetivamente nos outros elementos do hip hop. A maior resistência masculina foi para aceitar as mulheres com o microfone na mão, ou seja, obtendo para si o local de maior destaque nos shows, sendo aquela que transmite a mensagem a ser ouvida a portadora do instrumento de maior poder dentro de um show. A tecnologia se coloca na sociedade como um bem sob o controle dos homens e no rap, esse fenômeno se reproduz no monopólio exercido pelos DJs e MCs sobre as pick ups e o microfone.

Por este motivo nos primórdios do movimento era comum a presença de backing vocals, ou seja, cantoras de apoio que ficavam localizadas no fundo do palco, mas elas não conseguiam migrar para a frente onde poderiam se destacar, mostrar quem são, dividir o lugar de destaque com os homens. Sharylaine foi uma

⁵ Foto retirada do blog da cantora disponível em: <http://poetizaoficial.blogspot.com/>

das primeiras mulheres a compor e assumir a posição de rapper. Foi ela também a primeira a tentar construir uma identidade feminina no rap usando maquiagem e vestindo roupas rosas em suas apresentações.⁶

No movimento hip hop as mulheres se deparam com diversas barreiras: a primeira vem dos próprios familiares que possuem a imagem de que ser músico não é uma profissão, sendo assim, não garante dinheiro para o sustento familiar. Esta é uma noção que atinge também o universo masculino. A imagem do músico não é relacionada com a ideia de ser este um trabalho lucrativo. São raras as situações em que existe um empresário ou um “padrinho”, uma gravadora financiando o trabalho, características pouco comuns no hip hop e nas periferias. Sendo assim, fazer música é mais associado como um lazer do que com um trabalho. Podemos verificar entre as mulheres uma divisão entre aquilo que é considerado um lazer (aqui podemos incluir o tempo gasto com as atividades do hip hop), as “obrigações familiares” e a garantia do sustento e da manutenção do lar.

Essa relação faz com que as produções musicais e artísticas empreendidas por elas sejam mais difíceis de serem realizadas. O tempo para compor, dançar, discotecar ou até mesmo para se atualizar dentro do movimento é mais escasso e isso contribui para que a presença feminina não seja tão efetiva quanto a masculina. A questão se agrava quando surgem eventos como os shows que se realizam no período da noite, horário mais complicado para locomoção de mulheres pelas ruas e é também no horário noturno que a família costuma se reunir dentro dos lares, o que funciona como mais uma dificuldade para as mulheres.

Elas também se deparam com uma imagem pré-concebida do que significa o movimento hip hop no seu ambiente familiar. Para muitos de seus familiares a imagem do movimento é associada a categorias negativas como “estilo de bandidos”, “drogados”, “maloqueiros”, esses rótulos revelam que o ambiente não é

⁶ A estratégia de utilizar cor rosa para identificar uma identidade feminina também é utilizada por algumas grafiteiras norte-americanas que usavam tinta de cor rosa para identificar aquela inscrição como sendo realizada por uma mulher.

positivo para a presença das filhas, esposas e namoradas. Quando conseguem vencer essa barreira familiar enfrentam o preconceito dentro do próprio coletivo que criam limitações para que elas não consigam se estabelecer como integrantes.

A menina já enfrenta barreira dentro de casa e quando chega dentro do hip hop, aonde ela deveria ser acolhida, ser aceita, ter incentivos, ela encontra mais outra barreira que são os próprios caras do rap, entendeu? A gente vive num país machista não adianta. Então o cara é machista, se é rapper, roqueiro, pagodeiro. Qualquer coisa antes disso ele é homem, ele pode ser machista, se ele teve uma educação machista, ele vai ser machista com as mulheres. Então não adianta, no hip hop é a mesma coisa, então muitas param neste caminho por causa disso, já não encontram apoio dentro de casa, não encontram. Geralmente também não encontram apoio dos namorados, muitas namoram até com os próprios manos do rap mas os caras... faz de tudo pra... entendeu? Atrapalhando o desenvolvimento delas dentro do hip hop. Então é uma luta dura, entendeu, é uma luta bem difícil. (Rúbia, apud LIMA, 2005 p.48)

Essa dificuldade para ser aceita dentro do hip hop é bem marcante, principalmente quando o assunto são as rappers. Há relatos de boicotes aos seus shows para que não se apresentassem ou até mesmo o esvaziamento da platéia quando elas subiam ao palco. É como se a presença feminina causasse não somente um estranhamento, mas também uma revolta masculina configurando aquele protagonismo feminino como uma falta de respeito, uma invasão a um ambiente masculino e uma minoração ao poder que até então era exclusivamente deles.

Muitas rappers afirmam que para serem aceitas passaram a vestir-se a adotaram comportamentos masculinos. Esta era uma maneira de se aproximar sem causar tanto choque aos homens presentes e também de obter respeito por aquilo que produziam o que se relaciona também com as questões que envolvem a feminilidade e a sensualidade que ainda hoje é motivo de discussão entre elas.

Das figuras femininas que se destacam, hoje, como uma referência no hip hop podemos destacar Rúbia⁷ ativa no movimento há 15 anos. Atualmente ela produz um trabalho solo e é citada por todas as minhas entrevistadas como uma

⁷ Integrante do grupo RPW e tesoureira da associação Hip Hop Mulher

influência musical. A rapper é cabeleireira e trabalha na galeria 24 de maio, local freqüentado por integrantes do movimento. Figura importante na cena musical podemos vê-la frequentemente militando pela causa feminina. Foi pioneira juntamente com Sharylaine ao criar um grupo⁸ para defender e auxiliar as mulheres dentro do movimento. Rúbia até hoje permanece ativa na cena e na militância sendo coordenadora de projetos do Hip Hop Mulher.

Outro nome de destaque é Dina Di, rapper de Campinas que chegou, inclusive, a lançar CD's e dividir palcos com diversos nomes masculinos do rap nacional como Helião do grupo RZO. Dina faleceu em decorrência de complicações no parto em 20/03/2010. Atualmente, Dina é vista como um dos grandes nomes do hip hop feminino, ela é sempre lembrada como uma referência para as mulheres que atuam na cena musical. Uma das características de Dina que se destaca é o fato da rapper ser branca.

Essa é uma dimensão muito discutida no hip hop. As mulheres brancas sentem dificuldades para serem aceitas no movimento, pois ele é muito associado ao movimento negro e às lutas contra o racismo. Isso faz com que o branco seja visto como um estrangeiro dentro de um ambiente tido como predominantemente afro-descendente, mas esta dificuldade não é algo exclusiva das mulheres, normalmente homens brancos também são mais questionados quanto à qualidade de sua produção artística como se a cor da pele determinasse a eles a necessidade de provar sua qualidade e eliminar as desconfianças que os rodeiam.

Para Guasco (2001) esse é um elemento que faz parte da identidade que o hip hop tem com a cultura afro-descendente. Para o indivíduo ser respeitado dentro do movimento ele precisa de uma série de condutas que legitimem sua presença. Assim, categorias como “ser negro”, “ser de periferia”, “ser ex-presidiário” são maneiras de fazer com que a pessoa seja respeitada e tenha uma reputação.

⁸ O grupo de mulheres era chamado de “Minas da Rima”

Apesar de ser branca, Dina possuía outras características que a habilitavam como uma referência importante. Proveniente das periferias de Campinas, a rapper passou por uma série de dificuldades financeiras, teve uma passagem pelo sistema carcerário e seu companheiro ainda estava preso. Todos esses elementos lhe garantiam uma boa vivência para poder criar com propriedade as suas letras.

Há outros nomes que obtiveram maior destaque da mídia como o de Negra Li que era backing vocal do grupo RZO ela acabou traçando uma trajetória solo, entretanto, devemos considerar que apesar de ter gravado filmes⁹ com a temática “vida na periferia”, Negra Lee acabou modificando seu estilo para a MPB e se distanciou do hip hop assim que estabeleceu vínculos com gravadoras e mídias de massa.

Atualmente, o nome que vem se destacando é o de Flora Matos. Ela concorreu ao prêmio de revelação na MTV (Music Television) e vem encontrando um maior poder de penetração das suas músicas em programas de televisão a cabo e com vídeo clipes e músicas em canais da Internet como o Youtube. Este sucesso de Flora deve-se também ao conteúdo das músicas que não são ligados às questões sociais e nem a reivindicações. As letras são mais românticas e as melodias mais dançantes o que também é alvo de críticas das militantes do movimento.

CAPÍTULO III: Tenso é muito tenso, hip hop é movimento é Movimento: HIP HOP MULHER

⁹ Negra Li gravou o filme “Antônia” que depois foi adaptado em um seriado com o mesmo nome transmitido pela Rede Globo de Televisão

O Hip Hop Mulher é uma organização que surgiu no ano de 2007, após a gravação do *CD Realidades* patrocinada pelo governo do Estado de São Paulo. O objetivo do grupo é unir as mulheres envolvidas com o movimento e divulgar ações e eventos realizados por elas. O grupo foi idealizado por Tiely Queen ¹⁰ e produz eventos como encontros, seminários em que elas se reúnem para discutir não somente questões envolvendo o hip hop, mas também temáticas femininas como violência contra a mulher, saúde da mulher, mescladas com oficinas que envolvem o hip hop e têm como objetivos o aperfeiçoamento artístico delas. Enfim, normalmente os eventos empreendidos pelo hip hop mulher costuma unir conscientização sobre o papel social feminino com especializações e técnicas para que possam aprimorar sua produção dentro do movimento.

Todas essas ações visam à busca de um espaço maior dentro do movimento, para tanto elas desenvolvem meios que facilitem sua comunicação não ficando, assim, restritas somente às regiões em que se localizam, até porque o volume de mulheres que fazem hip hop é bem menor, se comparado, proporcionalmente, à produção masculina. Assim, a Internet torna-se um instrumento que agrega essas mulheres facilitando o contato que as estimulam a não desistirem diante das dificuldades. Desta maneira existe uma rede social onde elas se reúnem e onde os eventos são divulgados: www.hiphopmulher.ning.com

Para conhecer melhor as participantes desta rede social pedi a Tiely Queen (criadora e coordenadora do projeto) permissão para que pudesse entrevistar as integrantes do site. Ela solicitou que inicialmente eu me cadastrasse nesta rede social, pois, isso “legitimaria” a minha pesquisa. Após este registro ela mesma me indicou uma série de nomes de mulheres dispostas a colaborar com a presente pesquisa. Idealizei então um questionário padrão e distribui para essas mulheres,

¹⁰ Tiely Queen está na cena Hip Hop desde o início da década de 90, atuando com o grupo Tribo Cerebral, depois passou a participar do grupo Fator Ético, que era pertencente a Aliança Negra Posse, umas das mais tradicionais de São Paulo, localizada na Cidade Tiradentes zona Leste da cidade foi nesta Posse que começou a ter contato com as questões que envolviam o Hip Hop e a questão feminina. Atualmente é coordenadora do Hip Hop Mulher.

principalmente, via email, até mesmo, porque nem todas estavam localizadas na cidade de São Paulo.

As mulheres entrevistadas tinham idade média de 20/30 anos enfatizando mais uma vez a característica de um movimento que normalmente atrai a juventude para suas lutas, todas elas responderam que a função social do hip hop era a de conscientização da sociedade. Jéssica Valeriano, 22 anos, respondeu da seguinte maneira quando questionada sobre o papel do hip hop:

O Hip Hop é uma forma de mobilizar a sociedade para os grandes problemas sociais, como desigualdade social, racial e sexual, e ao mesmo tempo ser ele mesmo, objeto de transformação social, através da arte e da educação.

Outra entrevistada que também destacou a importância do hip hop para a conscientização de jovens foi Vanessa Lopes, 22 anos, habitante da Vila Any, região periférica da cidade de Guarulhos:

O Hip Hop tem um papel fundamental na formação do jovem de periferia, serve como forma de incentivo e auto-valorização pra galera, por ser um movimento feito pelo e para o povo.

Essa característica demonstra, mais uma vez, que a visão do papel do hip hop pelas mulheres continua sendo aquelas que motivaram o crescimento do movimento no Brasil, e apesar de focarem bastante nas questões de gênero, elas também se preocupam com os mesmos questionamentos sociais presentes nas letras masculinas, ou seja, não se limitam às dificuldades enfrentadas por elas dentro do movimento. Essa característica se dá também porque muitas delas acreditam ser o sistema capitalista o principal gerador de desigualdades, inclusive as de gênero.

Entretanto, o principal assunto de suas letras ainda é a discussão do que é ser mulher de periferia, mulher negra, a imagem da “guerreira”, ou seja, aquela que luta, é forte, e vence as adversidades impostas pelas condições sociais em que vivem. A mãe solteira que sustenta a família, os filhos, ou àquela que tem o seu companheiro como interno de algum presídio. Essa seria a descrição da “guerreira”

aquela figura que apesar das adversidades consegue cuidar dos filhos ou da família e viver dignamente.

Todas elas confirmaram a existência de preconceito de gênero dentro do universo hip hop, entretanto apontam para um momento de maior afirmação entre elas, um período de fortalecimento de suas imagens e seus trabalhos. Tal questão é exemplificada pela própria Tiely. Ela destaca, em especial, a busca por uma identidade própria sem copiar o estilo masculino, característica que era comum no início da participação feminina no hip hop:

Acho que antes era necessário meio que se masculinizar para poder chegar junto e ter um suposto respeito. Mas hoje, isso não é mais necessário. Você não precisa estar de calça larga ou fazer uma rima sobre o universo masculino, tipo treta, rua. O que eu vejo agora é um rap feminino mesmo. Não só mulheres fazendo, mas rimando sobre suas vidas seu universo. É muito legal isso, e é bem recente. O rap com cara de mulher tomou uma proporção e chegou ao público não faz muito tempo. (Tiely Queen)¹¹

Uma das características do site do Hip Hop Mulher é a divulgação de eventos que trabalhem com temas envolvendo a conscientização das mulheres diante de questões sociais como violência contra a mulher, palestras relacionadas à saúde feminina e também eventos culturais que estimulem à conscientização e também a valorização da mulher negra. A ligação do Hip Hop Mulher com movimentos que lutam contra o racismo é também uma característica muito forte do grupo, isso mostra, que as ligações do hip hop com o Movimento Negro ainda é muito presente e forte.

Todo esse envolvimento com questões relacionadas com o universo feminino mostra um foco diferente existente entre aquilo que as mulheres abordam em sua arte e música dentro do movimento e o que os homens abordam como sendo suas causas. A necessidade de provar sua competência e lutar por espaços dentro do

¹¹ Depoimento extraído da Revista eletrônica Menelick 2º Ato, ano de 2007 disponível em: <http://issuu.com/omenelick2ato/docs/omenelick2atoedition02?mode=embed&layout=http%3A//skin.issuu.com/v/dark/layout.xml>

próprio movimento fez com que essas mulheres voltassem muito mais para aquilo que envolvesse a afirmação e a construção de uma identidade própria. Até as cores que identificam o Hip Hop Mulher (o roxo) foram pensadas exatamente para chamar a atenção frente à questão feminina. Vale lembrar que o roxo é a cor que identifica a luta das mulheres contra o preconceito de gênero.

Podemos verificar também um cuidado para diferenciar a sua imagem em relação às mulheres que cantam funk (estilo musical originário das periferias do Rio de Janeiro) e são consideradas como vulgares pelas letras e roupas que utilizam. Para as mulheres do hip hop o funk é uma maneira de reforçar o pensamento machista já existente em nossa sociedade. Elas buscam negar e se afastar de qualquer estilo musical que tenha como base o discurso sexista onde a imagem da mulher possa ser denegrada. Em uma das entrevistas que fiz com uma das integrantes do Hip Hop Mulher quando questionada sobre as suas referências musicais afirmou:

Amo música todo tipo de música desde que não denigra a minha imagem nem como mulher tão pouco como ser humana. Gosto bom rasta pé nordestino de raiz!(Nesyta, B Girl de Guarulhos)

Outra característica fundamental do grupo é a realização de encontros anuais que acontecem sempre no meio do ano. Esses encontros são pautados por uma série de atividades realizadas ao longo da semana que visam chamar a atenção para essas mulheres, e funciona como uma reunião das mulheres. É nos fóruns que elas decidem as diretrizes, os comportamentos que elas precisam ter para fortalecer o movimento em buscar de mais reconhecimento. Os encontros têm tomado uma proporção nacional, visto que, mulheres de outros estados também comparecem aos encontros do Hip Hop Mulher.

No período de realização desta monografia agosto de 2010 a junho de 2011 não tive a oportunidade de estar presente nos fóruns que são realizados no mês de julho, portanto, tive a colaboração da jornalista Jéssica Balbino na descrição daquilo que acontece nos encontros. Apesar de morar na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, Jéssica foi o primeiro contato que tive com uma integrante do Hip Hop Mulher. Militante do movimento, no que ela denomina ser o 5º elemento, a literatura

marginal, a jornalista me passou reportagens, dados e contatos como o de Rúbia e o da própria Tiely. Foi através das reportagens transmitidas por ela, as discussões nos fóruns do site do grupo, e vídeos no site YouTube que pude dimensionar a importância do evento para o hip hop feminino nacional.



Figura : 2º Encontro Hip Hop Mulher¹²

¹² Disponível em: <http://hiphopmulher.ning.com/>



Figura 3: Oficina de grafite¹³

O Hip Hop Mulher funciona como um centralizador das ações das mulheres dentro do movimento, um espaço de discussão. As militâncias empreendidas pelas mulheres têm um aspecto não tão ligado à região como ocorre nas posses e seus interesses convergem mais ou menos para as mesmas lutas como a questão racial, a desigualdade social, mas também tem especificidades voltando seu olhar para valorização do papel feminino na sociedade.

Isso faz com que várias das discussões ultrapassem o plano físico podendo ser realizadas entre pessoas que não convivem na mesma região, sem que isso implique um estranhamento em função do contexto social diferente. O ponto de convergência são as causas relacionadas com as questões femininas. Assim, os fóruns e a divulgação das atividades pela Internet através da rede social facilitam o

¹³ Importante destacar os tons de Roxo predominante nos grafites tal cor caracteriza a luta da mulher contra a violência e o machismo. Figura disponível em: <http://hiphopmulher.ning.com/>

trabalho e descentraliza a ação dessas mulheres, garantindo, dessa forma, um maior alcance dos objetivos que perseguem.

3.1) Hip Hop Mulher: aproximações com o feminismo

Dentro do Hip Hop Mulher podemos localizar diversos questionamentos sobre como as integrantes do grupo devem conduzir suas carreiras, o conteúdo de suas letras, o que deve ser tido para que o movimento seja fortalecido e ganhe credibilidade dentro da cena. Assim, é comum a associação do movimento com as questões que envolvem as lutas feministas. Isso se dá pelo preconceito que muitas mulheres enfrentam para conseguir se manter na cena hip hop e também porque em suas narrativas costumam focar no cotidiano vivido pelas mulheres, principalmente nas áreas periféricas dos grandes centros urbanos.

O movimento feminista surgiu no Brasil na década de 70, no cenário da ditadura militar, o que propiciou ligações com os movimentos de esquerda e a articulação das mulheres envolvidas no feminismo com a militância política. As diversas mudanças que aconteceram no período fizeram com que houvesse uma nova noção de sexualidade, comportamentos afetivos e questões relacionadas à saúde da mulher como, por exemplo, a popularização da pílula anticoncepcional.

Foi neste cenário que as mulheres começaram a se reunir em pequenos grupos localizados normalmente nos bairros e nas periferias dos centros urbanos para discutir questões relacionadas com o seu posicionamento na sociedade. Para Sarti(2005) esse aspecto local do movimento relaciona-se com a especificidade dos Movimentos Sociais no Brasil que possuem essa característica de estabelecer-se em bairros e em regiões periféricas.

Outro traço que marca a trajetória particular do feminismo no Brasil, pelo menos quando comparado ao dos países europeus, diz respeito ao próprio caráter dos movimentos sociais no Brasil em sua relação com o

Estado. Os movimentos sociais urbanos organizaram-se em bases locais, enraizando-se na experiência cotidiana dos moradores das periferias pobres, dirigindo suas demandas ao Estado como promotor de bem-estar social. (SARTI, 2005 p.40)

Mesmo com suas origens na classe média brasileira as questões sociais relacionadas à periferia, à pobreza sempre foram preocupações do movimento feminista o que revela a aproximação das mulheres que estão presentes no movimento hip hop com o feminismo. Essas relações vão para além de questões como o preconceito vivido dentro do movimento e se aproximam mais da vivência que essas mulheres têm na sociedade e nos espaço urbano em que se inserem.

Organizados em torno de reivindicações de infra-estrutura urbana básica (água, luz, esgoto, asfalto e bens de consumo coletivos), esses movimentos têm como parâmetro o mundo da reprodução – a família e suas condições de vida – que caracteriza a forma tradicional de identificação social da mulher. Sendo o referencial de sua existência, foi o que as moveu politicamente. Os grupos feministas, tendo a origem social de suas militantes nas camadas médias e intelectualizadas, em sua perspectiva de transformar a sociedade como um todo, atuaram articulados a estas demandas femininas, tornando-as próprias do movimento geral das mulheres brasileiras. (SARTI, 2005 p.40)

Dentro do próprio do movimento feminista há uma preocupação com a carência de estudos que focalizem a presença das mulheres dentro das culturas tidas como juvenis. Para Weller(2005), olhar para esse movimento de culturas juvenis torna-se necessário para discutir os rumos do feminismo, mas principalmente, para pensar os estudos sobre as culturas juvenis. Assim a ligação que existe entre o Hip Hop Mulher revelam uma confluência de interesses entre as partes o que acaba se configurando como uma parceria envolvendo dois movimentos sociais importantes para as mulheres que se envolvem no hip hop.

Pude verificar esse aspecto claramente quando recebi o *CD Realidades* via correio, pois junto com ele Tiely me enviou uma cartilha com diversos pequenos artigos. Na capa deste livreto a questão de gênero é bem destacada com uma fita de cor roxa entrelaçada e os símbolos representando o sexo feminino e masculino entrelaçados e ao lado dois símbolos representando o sexo feminino também ligados entre si. O conteúdo de tal cartilha sempre envolve questões ligadas à saúde

feminina ou a presença da mulher no movimento hip hop e são produzidos por pessoas e coletivos ligados à causa feminina.

Essa ligação com o feminismo é um aspecto forte do Hip Hop Mulher, principalmente porque como elas convivem com a falta de espaço dentro do próprio movimento e este, por sua vez, sofreu reflexos do próprio ambiente de onde vieram: uma localidade como a periferia que possuía um histórico onde as mulheres ficavam muito mais tempo dentro de suas casas, em um ambiente mais doméstico enquanto os homens circulam mais pelas ruas, ocupando mais efetivamente o espaço público.

Dentro da associação, as mulheres trabalham com parcerias, assim divulgam via email um série de eventos e atividades que julgam ser importantes para as meninas que estão inscritas no site. Muitas dessas atividades são promovidas por associações voltadas para o direito da mulher como a ONG *Católicas pelo direito de decidir*¹⁴ ou a *UNIFEM*¹⁵. A divulgação dessas atividades funciona como uma parceria, uma rede de contatos que a organização do Hip Hop Mulher julga importante para a formação das mulheres que estão no movimento.

Manter o foco de suas letras em narrativas do cotidiano nas dificuldades que as mulheres passam é uma bandeira muito valorizada dentro do movimento. Isso porque muitas rappers acreditam que falar de suas vivências legitima seus discursos e lhes garante maior respaldo. As mulheres que entrevistei nesta pesquisa apontaram para a preocupação com a conscientização mantendo-a como uma das funções fundamentais do movimento de uma forma geral.

3.2 Uma análise dos discursos: CD Realidades

¹⁴ Ong Feminista de caráter inter-religioso que visa a mudança dos padrões culturais e religiosos da sociedade. Disponível em: <http://catolicasonline.org.br/QuemSomos.aspx>

¹⁵ Fundo de desenvolvimento das nações unidas para mulheres

É importante lembrar como o hip hop age no processo de formação identitária dentro das grandes periferias. Ele se expressa como uma narração do cotidiano e apresenta quem são e como vivem as pessoas inseridas naquela realidade social. Assim, as letras contidas no rap são elementos importantes para entender como aquele grupo se vê e, principalmente, quais são suas reivindicações, o que esses jovens têm para falar sobre suas vidas cotidianas. Além disso, as letras de rap são sempre apontadas como o mecanismo mais eficiente para os protestos, denúncias, e servem, principalmente, como instrumentos de conscientização do público, majoritariamente jovens, que costumam frequentar shows e ouvir as poucas rádios que destinam parte do seu tempo para a veiculação dessas músicas.

Um das discussões que envolvem o hip hop é sempre sobre o que o rapper deve transmitir nas suas letras. Qual a mensagem que ele deve levar ao seu público, o conteúdo para que o movimento se torne efetivamente um instrumento de conscientização da população mais pobre das cidades. Assim, as questões levantadas pelas mulheres são fragmentos vividos por elas no seu dia a dia, uma representação de suas vivências, visão da sociedade e do espaço urbano em que estão integradas.

Assim julguei ser importante analisar o CD *Realidades* que foi o elemento motivador para a criação do Hip Hop Mulher. O CD consiste em uma coletânea com 12 músicas cantadas somente por mulheres e que teve a sua gravação realizada no ano de 2007. O cd contendo as músicas é vendido no site do movimento e é enviado pela própria Tiely Queen (coordenadora do grupo e idealizadora do projeto via email). No material recebido, há além do disco, uma carta explicando o que é o Hip Hop Mulher e uma cartilha com textos versando sobre diversos assuntos como saúde feminina, feminismo e a dificuldade de ser mulher em um ambiente composto majoritariamente por homens como o hip hop.

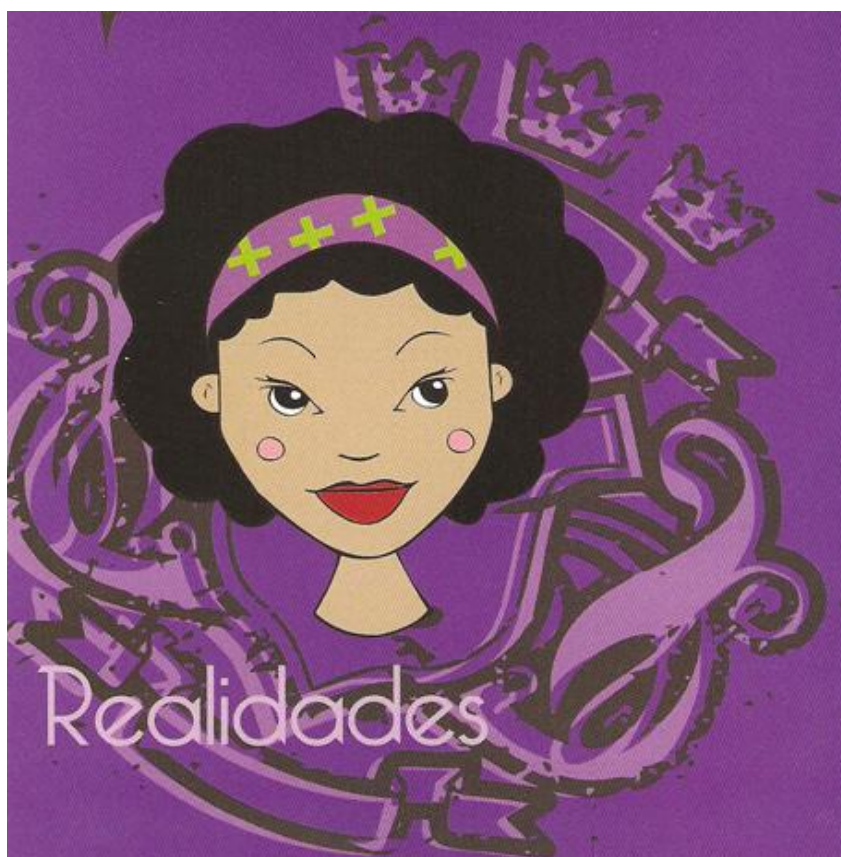


Figura 3: Capa do cd Realidades¹⁶

A vinheta de apresentação do CD, denominada *Realidades* ficou a cargo da rapper Rúbia Fraga¹⁷, tê-la como o primeiro referencial do disco, garante respaldo e seriedade ao projeto, além de demonstrar o respeito que as outras mulheres da cena dedicam a ela.

A primeira música do cd, *Falsa Abolição* do grupo Tarja Preta já levanta questões importantes que rodeiam o movimento como a temática do preconceito racial e a exclusão social que os negros sofrem nas grandes mídias como as novelas. A música exalta o orgulho de ser negra a valorização dos elementos afro

¹⁶ Novamente a cor Roxa predominante na capa e a figura de uma mulher reforçando a questão feminina como o foco principal das letras do CD.

¹⁷ Rúbia é integrante do grupo RPW, umas das primeiras rappers do Brasil e foi a pioneira em criar associações que olhassem para a questão feminina dentro do movimento hip hop.

como um mecanismo de reforçar sua identidade ao mesmo tempo que questiona o por quê de não encontrar referenciais no “mass midia”¹⁸ com os quais possa se identificar.

Meninas negras não brincam com bonecas pretas /To cansada do enbranquecimento do Brasil/ Preconceito e racismo como nunca se viu/ Meninas negras não brincam com bonecas pretas/ foi a barbie que carreguei até chegar na minha adolescência /Por que não posso andar no estilo da minha raiz?/ Sempre riem do meu cabelo e do meu nariz /Na novela sou empregada, da globo sou escrava /Não me dão oportunidade aqui pra nada /Sou revolucionária, negra consciente /Não uso o corpo, não me mostro /Eu uso a mente sou afro-descendente /Você tem que me aceitar assim/ cabelo enraizado é bom pra mim (trecho da música falsa Abolição)

Essa música é a primeira do cd e a mais longa e sem dúvida a com o conteúdo de reivindicação mais forte, funciona como um cartão de apresentação do que seria posteriormente o projeto Hip Hop Mulher e quais seriam as condutas do grupo, que opera, segundo, constato sobre a tríade: valorização da mulher, combate ao racismo e apoio ao hip hop.

Nas faixas subseqüentes, percebi sempre uma afirmação sobre quem elas são, isto é, construindo suas imagens como mulheres fortes, guerreiras de periferias, daquelas que “*cai no buraco, mas logo levanta*”. Na música do grupo Expressão Verbal, da cidade de Guarulhos¹⁹, logo nos primeiros minutos há uma apresentação de um MC: “*Com vocês Expressão Verbal, aí/ as minas na rima aí ó/ respeito moro mano/ mais uma vez para firmar sente o som*”. É como se tal apresentação garantisse que naquela música e grupo há qualidade, é um respaldo do MC às meninas que vão começar a cantar.

No decorrer desta mesma música a MC pede forças para enfrentar todas as dificuldades que ela possui como criar o filho, estudar, manter (financeiramente sua

¹⁸ Termo utilizado para identificar a mídia de massa como televisão, rádio, revistas todas com grande alcance popular.

¹⁹ As integrantes do grupo Expressão Verbal são moradoras da Vila Any, região periférica da cidade de Guarulhos.

família) e ainda poder cantar no grupo com suas amigas, ou seja, as mulheres sentem a responsabilidade das novas configurações de família em que elas se têm, muitas vezes, tornando chefes de família, ou passaram a dividir as responsabilidades financeiras. Principalmente quando pensamos em um ambiente como o da periferia em que as remunerações são mais baixas e o desemprego é mais presente, os problemas a serem equacionados se tornam mais difíceis.

A música “*Fome*”²⁰ de Tiely Queen traz a questão da fome como uma questão de sobrevivência humana, relacionando esta questão como sendo resultado da má administração do governo. A letra fala do desespero da mãe para sustentar seus filhos e também ressalta a fome das crianças, mais uma vez remetendo a questão da dificuldade da mulher para sustentar sua família.

Em todas as músicas ficam claras reivindicações das mulheres por reconhecimento, melhores condições de vida, exaltação da periferia ao mesmo tempo que destaca o perigo que é viver neste lugar, os filhos também são destaque nas letras, a dificuldade para criá-lo e colocá-los naquilo que julgam ser o “caminho certo” a fim de transformá-los em pessoas de bem todas descrevem os cotidianos das mulheres de periferia e daquelas que lutam para sobreviver dentro do movimento hip hop.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

²⁰ Essa música não está presente no CD REALIDADES, mas está disponível para download no site da gravadora TRAMA disponível em: http://tramavirtual.uol.com.br/artistas/projeto_hip_hop_mulher

Os estudos que analisam a juventude no Brasil se tornam muito escassos quando direcionamos o foco da análise para as mulheres, suas impressões e manifestações principalmente quando o recorte é voltado para aquelas que vivem na periferia. É comum perceber o relato de Práticas, estilos e comportamentos de forma generalizada ou voltados para o gênero masculino. Os trabalhos pioneiros iniciados por Vianna (1988), Caiafa (1985), Costa (1993), Abramo (1994) e os mais recentes sobre o hip hop, desenvolvidos por Andade (1996), Silva (1998), Guasco (2001), não aprofundam as discussões sobre a presença feminina nas produções artísticas juvenis.

Portanto, ao direcionar meu olhar para o gênero feminino a primeira dificuldade que encontrei foi reunir trabalhos acadêmicos que fizessem a ligação entre a tríade juventude, mulheres e periferia. Esta dificuldade inicial foi vencida através de conversas com pessoas ligadas ao movimento e que me passaram a dimensão daquilo que elas apreendiam como sendo hip hop e qual a causa que as impulsionavam.

Inicialmente a questão que mais me chamou a atenção era a necessidade que essas mulheres tinham de legitimar o movimento dentro do próprio movimento hip hop como fazer ouvir as suas vozes dentro do próprio hip hop? Como criar uma identidade, um espaço dentro de um ambiente tão fechado e identificado pelo gênero masculino? Muitas das discussões que eu presenciei muito daquilo que conversei com as pessoas ligadas ao movimento hip hop eram direcionadas à maneira como as mulheres deviam se portar para conseguir ter respeito entre os homens e entre elas mesmas.

Até mesmo o modo de se vestir, mostrar ou não sua feminilidade, é discutido entre elas. Muitas se encontram na fronteira entre vestir se e comportar-se igual aos homens, assumindo caracteres masculinos, ou assumir sua feminilidade usando batom e roupas mais justas. Este é um cenário que começa a ser reconfigurado. Tanto Tiely, quanto as entrevistadas, indicaram uma maior abertura dentro do movimento para a presença feminina e com isso uma maior liberdade para criar também uma identidade visual sem precisar aproximar-se do estilo masculino para

obter algum tipo de aprovação. Tal mudança de comportamento deve-se também à organização e união das mulheres em torno de um maior espaço e visibilidade dentro do movimento.

Um ponto comum entre elas é que nenhuma das quais tive contato vivem exclusivamente do hip hop. Todas trabalham em outras funções como Rúbia do RPW que é cabelereira, Jéssica Balbino que trabalha em um jornal, Tiely que é artista e estudante. Sendo assim, elas percebem o peso de terem para si, não duplas, mas triplas jornadas de trabalho, pois muitas vezes responsabilizam-se pelos cuidados com o lar, com o trabalho remunerado e por fim o hip hop que é visto como sendo sua luta.

A partir do momento que essas mulheres decidem criar um grupo de rap, de break, grafitar, ser DJ, elas lidam com barreiras: A familiar talvez seja a mais importante, ainda mais quando pensamos que o hip hop é um movimento de juventude, ou seja, a maioria das mulheres começa a se interessar pelo estilo quando adolescentes ainda sob a guarda dos pais ou responsáveis.

Normalmente, para um jovem de periferia se envolver com a música há muita dificuldade, pois a idéia de ser músico como profissão, algo que garante dinheiro para ajudar a manter o lar, é praticamente nula. Se direcionarmos este olhar para o hip hop essa dimensão se agrava, visto que, a imagem do movimento associada a bandidos, drogas, ou vista como “coisa de homem”. Estas imagens estão muito presente ainda na grande mídia e nos discursos daqueles que o desconhecem ou somente têm contato de forma superficial.

Como elas estão em minoria quando falamos na questão regional, ou seja, dentro de uma periferia, pois em um bairro a presença das mulheres que fazem hip hop encontra-se bem diluída. Mas esse aspecto minoritário é apenas aparentemente um fator desmotivador. O Hip Hop Mulher funciona como um mecanismo de reunião e troca de experiências entre elas e para tanto a popularização da Internet, a presença das *lan houses* e os computadores mais baratos também agem como um meio de aproximar e fazer com que o movimento cresça.

O HIP HOP MULHER está aí para mostrar a força e organização e o poder das mulheres dentro de um movimento onde a participação dos homens é mais visível, com atividades de discussão, debate e troca de saberes. Como fizemos em 2009! O 1º ENCONTRO HIP HOP MULHER com a participação de mais de 50 mulheres de várias cidades de São Paulo, de 10 estados brasileiros e mais dois países da América do Norte: EUA e Canadá. Desde o norte até o sul as mulheres estavam presentes para discutir diversidade, cultura, a mulher no hip hop, literatura e muito mais. Esse encontro teve por objetivo o fortalecimento do papel da mulher no hip hop e nas comunidades onde elas desenvolvem projetos. Foi um momento muito importante na história do hip hop e de todas participantes. E vamos continuar assim: promovendo encontros itinerantes para a formação e atividades sócio-culturais nas cidades que nos convidarem! Realizamos em julho de 2010 o 2º ENCONTRO HIP HOP MULHER ²¹

²¹ Fragmento retirado do site da associação Hip Hop Mulher disponível em: <http://hiphopmulher.ning.com/>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAMO, Helena W., *Cenas Juvenis, Punks e Darks no Espetáculo Urbano*. São Paulo, Scritta/ Anpocs, 1994.

ANDRADE, Elaine Nunes. *Movimento negro juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo*. Dissertação de Mestrado USP, 1996

_____. *Hip hop: movimento negro juvenil*. In: Andrade, E. (Org.). *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999

CAIAFA, Janice. *Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro. Jorge Zah 1985

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A política dos outros. O cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo, Brasiliense, 1984

CONTADOR, A. C.; FERREIRA, E. L. *Ritmo e poesia: os caminhos do RAP*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1997.

COSTA, Márcia R., *'OS' Carecas de Subúrbio*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1993.

DURHAM, E. R. . *A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2004. v. 01. 477

LIMA, Mariana Semião de. *Rap de batom: família, educação e gênero no universo rap*. Dissertação (Mestrado) da Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas: SP, 2005

ROSE, Tricia, *Black noise. Rap music and black culture in contemporary America*. University Press of New England Hanover & London, 1994

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970 – 1980*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 198

SILVA, José Carlos Gomes da. *Rap na cidade de São Paulo: música, etnicidade e segregação urbana*. Tese de doutorado. IFHC, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001

_____. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, Brasília: UNESCO, 2003

MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. *Adolescentes como autores de si próprios cotidiano, educação e o Hip hop*. In: Caderno Cedes, vol. 22, n. 57. agosto, 2002.

MATSUNAGA, P. S. *Mulheres no hip hop: Identidades e representações*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas. SP, 2006.

SARTI, C. A. . *O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória*. Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso), UFSC, v. 12, n. 2, p. 35-50, 2004.

VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988

WELLER, Wivian. (Org.) *Seção Temática Gênero e Juventude*. Revista Estudos. Feministas, Vol. 13, No 1, 2005.

WebSites

Hip Hop Mulher disponível em < <http://hiphopmulher.ning.com/>> . Acessado em 20/08/2010

Blog Poetiza disponível em < www.poetizaoficial.blogspot.com > Acessado em: 04/06/2011

Fundação *SEADE* disponível em < <http://www.seade.gov.br/>>. Acessado em 10/05/2011

DIEESE disponível em:< <http://www.dieese.org.br/>>. Acessado em 20/05/2011

Documentos Sonoros

Coletânea. *REALIDADES*. São Paulo. Trama. 2007